

A série O que eles deixaram no manicómio Há oito anos, saíram do primeiro hospital psiquiátrico português, o Miguel Bombarda, em Lisboa, os seus últimos 24 “habitantes”. O fecho pós fim simbólico à era dos manicómios no país. Mas esses homens e mulheres não foram os últimos a deixar o hospital. No sótão do edifício principal ficou ainda, durante meses, uma caixa de cartão com objectos pessoais de antigos doentes. Nunca reclamados. Um bilhete de identidade cosido à mão. Uma caixa com ponteiros de relógio. Um passaporte de um capitão de longo curso. Várias fotografias a preto e branco onde aparece muitas vezes um homem franzino. Que vidas tiveram os seus donos?

Noé

O crepúsculo do relojoeiro

Por Catarina Gomes texto Paulo Porfírio fotografia

Série O que eles deixaram no manicómio (II)

No início, a caixa cheia de ponteiros de relógio era um objecto órfão. Nada se sabia sobre o seu dono, a não ser o que era possível adivinhar: que era relojoeiro e que, se esteve internado no Manicómio Bombarda, só pode ter sido porque, a dada altura da vida, enlouqueceu. Ou não



Nunca tinha tocado num ponteiro de relógio, sempre os conheci protegidos e inalcançáveis debaixo do vidro do mostrador. Não sabia que peso tinha um, que consistência, não sabia que eram assim ao toque, moles e apegadiços. No início, não percebi logo o que eram.

De todos os objectos de antigos doentes deixados no antigo hospital psiquiátrico Miguel Bombarda, em Lisboa, a caixinha metálica cheia de ponteiros era o mais singular, e o mais intrigante. Também porque era um objecto órfão. No início, baptizei o seu dono de “relojoeiro sem nome”.

Dediquei muito tempo a estes ponteiros. Dei-



me ao trabalho de os contar e de os agrupar por tamanhos, para tentar saber quais seriam os das horas, dos minutos e dos segundos. Se o dono da caixa tivesse tido a oportunidade de lhes dar o destino para que foram fabricados, tinha ponteiros para dividir os dias em horas a 42 pessoas, em minutos a 273 e em segundos a 69. Mas assim, imóveis e encerrados, nunca farão ninguém acordar, apressar o passo, pôr prego a fundo, passar um sinal vermelho, encurtar uma conversa, deixar para mais tarde.

Também os separei por cores, os acobreados, os dourados e os negros, e depois por formas: encontrei de 12 tipos, dos que parecem ter corações, losangos, setas de rosa-dos-ventos, cornucópias, maçãs trespassadas por setas, bailarinas com saias frufriu, harpas ou talvez tridentes.

Talvez tenha perdido tanto tempo em torno destes ponteiros por frustração, por ter pensado que não iria conseguir saber mais nada sobre o seu dono. A não ser o que adivinhou: que era relojoeiro e que, se esteve internado neste hospital, só pode ter sido porque, a dada altura da sua vida, enlouqueceu.

“O mestre nunca falha”

“Viva, mestre.” Ainda há relojoeiros. Neste primeiro andar de um prédio velho da Baixa de Lisboa ouvem-se múltiplos e suavíssimos tiquetaques, um som ligeiramente dessincronizado que tem o condão de acalmar Sérgio Fortes. “Ao contrário de certos clientes”, graça. A conversa é interrompida pela chegada de um cliente habitual. Abre-lhe o relógio pelas

costas, retirando-lhe a tampa metálica, a operação faz lembrar uma pequena cirurgia. “Os relógios são quase um ser vivo”, explica-me. Diagnóstico: “O ponteiro dos segundos saiu do canhão. Não há problema, que eu tenho peça para isto.” “O mestre põe a funcionar algumas coisas vivas e mortas”, elogia o cliente, enquanto espera.

“Olhe a complexidade disto”, mostra-me Sérgio Fortes, enquanto faz a reparação. Ao gabar a sofisticação do mecanismo, está também a exibir o seu orgulho, por conseguir dominá-la.

Sérgio Fortes desmonta-o à minha frente e mostra-me, vaidoso, como com a sua idade, 75 anos, os seus dedos se mantêm firmes. Manuseia uma pinça fina, igual àquela que o relojoeiro sem nome também trazia arruma-

da dentro de um pequeno estojo de papel azul com mais três ferramentas. O relojoeiro sustém um delgadíssimo ponteiro dos segundos, que recoloca com delicadeza no sítio devido: “Eu não posso tremer, está a ver, eu não tremo nada.” E o risquinho metálico voltou ao lugar. “Pronto, agora já está a bater certo.” “O mestre nunca falha”, elogia o cliente, satisfeito.

Terminada a reparação-demonstração, mostro a Sérgio Fortes imagens dos objectos que restaram do seu colega sem nome. Cada um dos formatos de ponteiros que reconheci tem, pelos vistos, um nome: “Este é um folha [os que para mim eram corações]; este um Luís XV [os que me fizeram lembrar bailarinas com frufriu]; estes são Breguets [as maçãs trespassadas por setas].” →

Mas a novidade que me traz é que o dono da caixa de ponteiros se dedicava sobretudo à reparação de relógios de algibeira, daqueles que dantes os homens usavam presos com uma corrente no bolso do casaco. Na caixa também há ponteiros para reparar relógios de pulso, como o que Sérgio Fortes não tira do braço nem sequer para dormir, mas são muito menos.

“Isto não joga com isto”, comenta o investigador Fernando Correia de Oliveira, autor de *Dicionário de Relojoaria: o Universo do Tempo e dos Seus Medidores*. Refere-se à caixa, que guarda sobretudo peças para relógio de bolso – que se usavam sobretudo até às décadas de 1920-30 – e ao relógio de pulso do relojoeiro.

O antigo doente do Bombarda também deixou em “depósito” no hospital um Olma *waterproof e shockabsorber*, já sem bracelete. Tem o mostrador cheio de riscos, mas ainda consegue ver-se que parou nas 3 horas, 43 minutos e 9 segundos. É de uma época em que já não se usavam relógios de algibeira, continua o investigador, posterior a 1950. Significa que, no que à relojoaria diz respeito, o relojoeiro sem nome é um homem entre tempos.

Fernando Correia de Oliveira também pode acrescentar que, à época, ou o relojoeiro tinha aprendido o seu mister na Escola de Relojoaria da Casa Pia, em Lisboa, ou com o pai. Em suma: terá vivido algures entre a primeira e a segunda metade do século XX, talvez tenha aprendido a sua arte em casa. Ou não. Não era possível avançar mais e o meu desinteresse, nascido da impotência, foi rodeando os objectos. Na vez seguinte que dei com a caixa já nem a abri. Pertencia a alguém de quem nunca conheceria nem o nome nem o rosto. Apenas a profissão.

Envelope vazio

Na caixa de cartão com objectos de antigos doentes, além dos pertences do relojoeiro, ficaram muitos outros. Mas estes são invisíveis. Só sabemos que um dia entraram com os seus donos no Hospital Miguel Bombarda porque ficaram listados em envelopes vazios. Presume-se que, ao contrário dos do relojoeiro, estes foram devolvidos aos próprios, ou a alguém da família:

“Uma aliança”, “um alfinete de fantasia”, “uma caneta de tinta permanente”, “um brinco (só um)”, “um espelho”, “uma chave”, “um par de brincos sem valor”.

Reparo que na lista de objectos ausentes o relógio é um dos mais presentes: “1 relógio de metal branco” entrou com Ricardo em 1942; “1 relógio com corrente de metal branco” ia com António em 1959; “1 relógio de pulso de marca Roamer” pertencia ao João em 1969; “1 relógio com bracelete escangalhada” entrou com Teresa em 1970; Ricardo levava “um relógio de pulso (marca desconhecida)” em data ignorada. E é como se a soma de todos estes relógios, entregues na admissão ao hospital juntamente com tantos outros objectos, representasse a entrega do tempo. E ele devesse ficar suspenso.

Há no conjunto de envelopes vazios um que destoa, de tão ensarilhado. Usou-se nele todo o tipo de materiais que encerram: de um lado tem três lacres ressequidos com as iniciais M.B. derretidas, algumas gotas de cera vermelha respingaram o papel, há dois clips metálicos pendurados e tiras de fita-cola que cruzam várias vezes o sobrescrito de um lado ao outro, construindo as formas da bandeira do Reino Unido. O pacote é quase ilegível.

Tento desemaranhá-lo, tanto quanto consigo sem o danificar mais, e, agora, o essencial,



mesmo com palavras truncadas, deixa-se ler: “Este embrulho contém: 1-Relógio de metal branco, 1-Caixa ponteiros de rel, 1-Caixa com ferramenta de re.” Na lista de objectos vejo escritos três objectos que reconheço. E um que nunca vi: “1-Carteira com papéis” – “Pertencentes ao enfermo Noé Galvão.”

E o relojoeiro ganha nome. Remexo na caixa de cartão em busca da tal carteira. Pode ter caído para o fundo, ou sido colocada, por engano, junto ao espólio de outro doente. Descubro primeiro um porta-moedas arrumado com uma navalha de cabo preto; depois uma carteira gravada com uma guitarra portuguesa

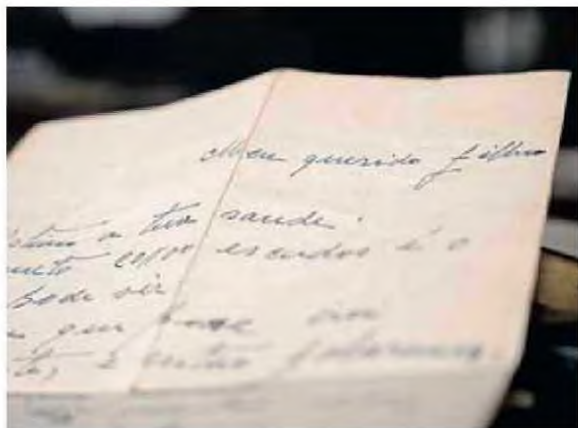
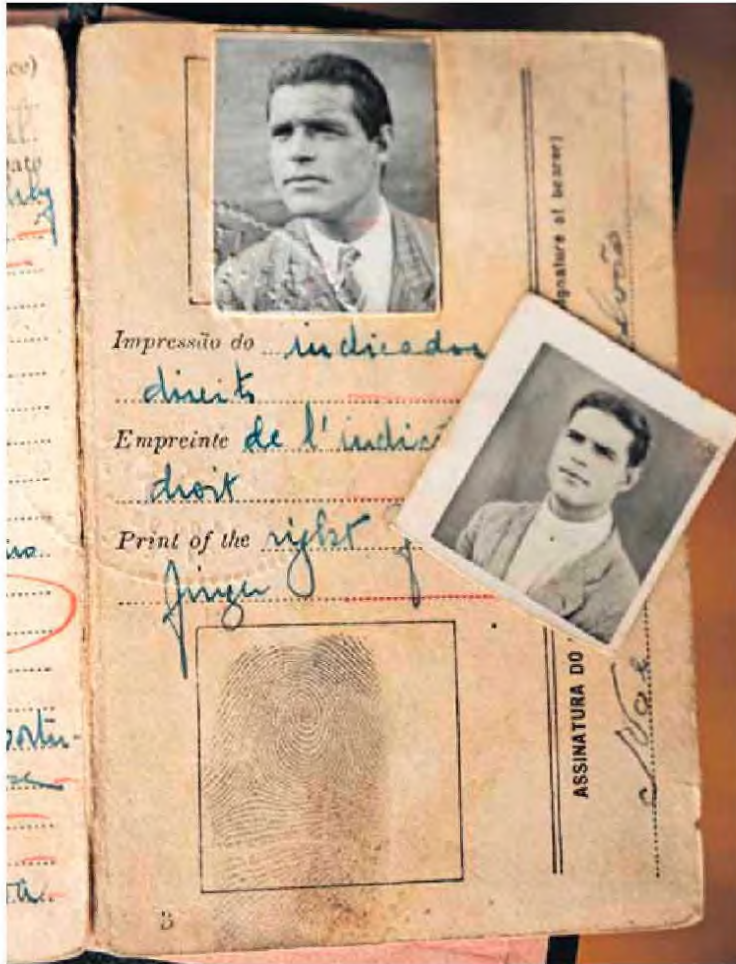
e a expressão “Alma do Fado” com duas fotografias de um casal em forma de coração e o bilhete de lotaria n.º 451 e, por fim, uma carteira florida com um atacador de sapato castanho solto e duas fotografias de um homem vestido de toureiro. Nenhum dos seus donos é Noé. Mas o seu é um nome invulgar, o que torna a sua vida mais fácil de encontrar.

Sinos que não tocam

O nascimento de Noé Galvão está escrito num dos volumes de verde-petróleo e letras douradas, cuja beleza clássica destoa dos burocráti-

cos dossiers contemporâneos arrumados nas estantes da Conservatória do Registo Civil de Sintra. O seu assento de nascimento revela que Noé nasceu na manhã de 21 de Julho de 1923, “às sete horas e zero minutos”, numa freguesia próxima da vila.

À chegada a Almargem do Bispo ouço o bater das 12 horas no sino da igreja, uma coincidência que, nesta minha busca por um relojoeiro, se torna significativa. Subo até onde me conduz o som dos sinos. Fica num cimo. A Igreja de Nossa Senhora da Piedade da Serra é setecentista, mas, por mais que as badaladas me pareçam intemporais e iguais às que



Olhos castanhos

Numa carteira castanha estava arrumado o bilhete de identidade de um homem, 28 anos, fato e gravata de riscas brancas oblíquas, 1,66 metros, olhos castanhos. Continha também muitos outros papéis soltos

Noé ouviria, não o são. O sino está imóvel. As badaladas da igreja já não são badaladas. “Não são já martelo de ferro a vibrar em sino de cobre, são reproduções roufenhas de badaladas que um circuito eléctrico faz soar através de um altifalante para toda a aldeia. Basta carregar num botão na sacristia”, explica o jornalista e investigador na área do tempo Fernando Correia de Oliveira. Um pouco por todo o país, nos anos 1980-90, relógios mecânicos de igrejas como a da aldeia de Noé foram para o lixo. Os sinos da igreja congelaram então, tornando-se apenas ornamentos.

Estou no lugar da freguesia onde Noé nas-

ceu, Vale de Lobos, ninguém a quem perguntou diz conhecer um apelido desses por ali, Galvão. Mandam-me para outra localidade da freguesia, Sabugo. Lá, indicam-me Adelino Duarte, 81 anos, por ser uma espécie de herdeiro do que mais próximo se arranja do tempo de um relojoeiro tão antigo, por ser herdeiro de um passado rural quase extinto. É que Adelino ainda tem burro e carroça, na verdade, mula, a *Carriça*.

Para haver relojoeiro por ali era preciso que houvesse clientes. Quem é que tinha um relógio no tempo de Noé por aqueles sítios? Adelino só pode falar do seu tempo: teve o seu

primeiro, aos 14 anos [em 1967], e teve de vender uma cabra, já grande, antes disso o dinheiro não chegava.

“As pessoas tinham as coisas básicas, não tinham relógios. O meu avô, em 1920, tinha um, mas era porque era dono de uma mercearia”, conta Maria Clementina Leal, de 62 anos. Talvez o relojoeiro tenha ido viver para a capital. Na povoação havia, na primeira metade do século XX, sobretudo agricultores, carroceiros e lavadeiras que iam a Lisboa buscar roupa das senhoras para lavar. Quando traziam restos de borras de café, vinham felizes, ouviu contar. Joaquim Reis, 54 anos, que me serviu de guia vai ouvindo: “É como dizia o meu pai: ‘Se o tempo volta para trás, vocês morrem de susto.’”

A carteira castanha

Terão passado pelo primeiro hospital psiquiátrico português mais de 66 mil doentes, estima Pedro Cintra no livro *Miguel Bombarda-Preservar a Memória*. Restam das suas entradas e saídas dezenas de “livros de admissões”. Algumas das lombadas estão esburacadas por pequenas galerias construídas por bibliófagos, insectos que se chamam assim porque se dedicam a devorar livros e que, se não tivessem sido travados a tempo, talvez tivessem trago das vidas hospitalares registadas de milhares de pessoas.

Não sabemos se chegaram a experimentar o livro com Noé, porque foi um dos que desapareceram ainda no Bombarda. Nunca chegou a vir do sótão para a biblioteca do Hospital Júlio de Matos (Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa), que tem a guarda do património do antigo hospital.

Na estante de grades onde deveria estar o seu livro de admissões há uma caixa arquivadora nova etiquetada de forma moderna como “Hospital Miguel Bombarda - Arquivo Fotográfico”. Abro-a, pensando que, ao menos, talvez me devolva fotografias do quotidiano do hospital, talvez do tempo de Noé, mas percebo que houve um erro: lá dentro não estão imagens, mas sim mais objectos de doentes. Um deles é uma carteira de homem castanha. Era de Noé.

O sol envelheceu-lhe a pele por fora, a sombra manteve-a com aspecto novo por dentro. Está recheada de cartões e papéis. Não se sabe por que razão acabaram os ponteiros de relógio na caixa de cartão e a sua carteira num arquivador para imagens. Assim permanecerão, não me cabe a mim juntá-los. A não ser nesta história.

No bilhete de identidade arrumado dentro da carteira Noé Galvão tinha 28 anos, é um homem bem-posto, camisa branca, fato e gravata de riscas brancas oblíquas, 1,66 metros, olhos castanhos. Na carteira tinha outras imagens a preto e branco. Uso a sua fotografia, tipo passe, como amostra, a ver se o reconheço nas outras imagens: este também é Noé, mais novo, andaria pelos 20 anos, na altura usava o cabelo com risco ao meio e uma camisa de gola alta branca, que lhe dá um ar meio galã. Mas a comparação de rostos não me basta para descortinar se o menino de cabelo claro ao colo da mulher com cântaro à cabeça também foi Noé.

Volto a Almagem do Bispo com cópias das imagens. Não reconhecem as pessoas, mas a bilha de barro à cabeça da mãe e filho ao colo, ambos descalços, podia perfeitamente ter sido tirada nos campos aqui em volta, diz Adelino Duarte. Quanto mais filhos, mais bilhas de água tinham de se acartar. Na família de Noé chegaram a ser 12 filhos, sobraram quatro.

As páginas da história clínica de Noé estão desordenadas e dobradas ao acaso. Abro-as, engomo-as com as mãos e coloco-as por ordem cronológica, como se a sequência temporal tivesse o poder de, por si só, conferir sentido à vida que Noé passou por detrás dos muros altos do Bombarda. A organização por datas torna notório dois tons de amarelamento das folhas, dividem a vida hospitalar de Noé em dois.

“Chorou todo o tempo”

Nas páginas mais amarelas e quebradiças vemos Noé a dar entrada no Manicómió Bombarda a 11 de Abril de 1945, tinha 21 anos: “Entrou calmo, mas de alguma forma confuso. Palavras lentas, andar vagaroso.” Será deste tempo a fotografia de Noé com camisa de gola alta, ar de galã?

É o seu pai, Júlio Galvão, de 64 anos, quem conta a história do filho. O médico que lhe anotou as palavras, que o descreve como sendo nervoso, diz que o fez de forma emocionada: “Chorou durante todo o tempo que prestou as informações, frequentemente se lamentando pela sua desgraça.”

Noé terminou a escola com 11 anos, conta o pai, parecendo dizer que, apesar de tudo, não teve atrasos na aprendizagem. Foi aos 9 anos, quando Noé ainda andava na escola primária, que lhe começou a passar o ofício de relojoeiro.

Demora tempo a passagem. Sérgio Fortes tinha 12 anos, lembra-se bem do primeiro ano de ensinamentos. O pai punha-o a partir fósforos, primeiro em dois, depois em quatro, em seis, em pedaços cada vez mais ínfimos que ele tinha de tirar e pôr, tirar e pôr numa caixa-nha — para treinar a sensibilidade dos dedos. Algum tempo depois passou-lhe a pinça de relojoeiro para as mãos e teve de passar que tempos a transportar parafusos grandes de uma lata para a outra, e depois cada vez pequenos, até chegar aos milimétricos do relógio. No dia da sua primeira reparação o pai quis facilitar-lhe a vida, escolheu um relógio grande, um despertador da marca Reguladora, de Famação. Parecia a Sérgio que a montagem até tinha corrido bem. Mas, quando o pôs a funcionar, viu que tinha posto o tempo a andar para trás, os ponteiros estavam a girar ao contrário. “O meu pai ria-se como um perdido.”

Conta o pai de Noé que o filho “era muito afectuoso para a família”, especialmente para ele. Teve-o já com 44 anos, a mãe, mulher calma e de génio forte, já tinha morrido, com problemas cardíacos. Noé é então o mais novo de 12 filhos nascidos.

A família não tinha sido poupada. O nono e o décimo filhos nasceram já mortos, o sexto morreu no parto. O quinto morreu com poucos dias “por asfixia, porque a mãe adormeceu quando lhe estava a dar de mamar, deitada de lado, e atabafou o menino”. O quarto, sétimo e o oitavo não passaram de crianças (o primeiro morreu de broncopneumonia, o último de infecção não especificada, sobre o outro não se especifica). O que morreu “pela pneumónica” — a gripe pneumónica chegou em 1918, matando tantos milhares de pessoas que algumas zonas do país perderam 10% da população — ainda chegou aos 9 anos e tem, no relato do pai, direito a nome. Era o Pedro.

No hospital, o pai fala com muito orgulho dos filhos que lhe sobraram, três deles porque gostam e sabem tocar música. Noé, sendo o único que não toca, mas “gosta muito de a ouvir”, parece ser especial, até pelas circunstâncias. Será o seu pai o homem sério de fato e gravata que Noé tinha na carteira em duplicado? →



Noé é o único filho que ainda vive com o pai e aquele a quem transmitiu a sua profissão, que o filho aprendeu a dominar: “Sabe bem a sua arte.”

Noé concorda. Ao médico do Bombarda diz que “conhece todos os relógios que há”. “Não tenho receio de trabalhar em frente dos fre-gueses ou de qualquer relojoeiro o melhor que haja, porque eu também sou dos melhores do mundo.”

“Era ele quem ganhava o pão nosso.” Noé substituiu o pai quando a falta de visão o impediu de continuar a ganhar a vida como ourives e relojoeiro. Por isso, a desgraça actual de Noé é também a da família. Primeiro os olhos do pai. Agora a cabeça do filho.

Percebe-se que eram chegados, mas surge como bizarro o facto de contar ao médico que dorme com o filho desde os três anos, que tem 21 anos. Nota que o filho “nunca namorou”. “Elas é que o namoravam ou queriam namorar.”

Não foi ao pai que coube a decisão de o internar. Desta vez, Noé foi levado para o “Manicómio Bombarda” (como então se chamava) depois de a polícia o ter “apanhado” na rua, onde “parece que vagabundeou”. O verbo “parece” remete para tudo o que não se sabe que aconteceu durante o seu desaparecimen-

A caixa de Noé

A caixa cheia de ponteiros de relógios destinava-se sobretudo à reparação de relógios antigos de bolso; à direita, o embrulho que tinha alguns dos pertences do relojoeiro

to. Em casa não sabiam dele há dois meses.

Quando leio, finalmente, do que sofria Noé, a cena de Sérgio Fortes, o relojoeiro que ainda arranja relógios na Baixa de Lisboa, regressa-me inteira à memória: a firmeza com que, naquele dia, recolocou, orgulhoso, sem vacilar, o minúsculo ponteiro dos segundos que saíra do lugar. E o que disse: “Eu não posso tremer, está a ver, eu não tremo nada.” O relojoeiro Noé sofria de epilepsia.

Dormir com o filho

A minha surpresa é a dobrar - porque, sem saber ainda mais do que o comezinho sobre epilepsia, associo-a ao descontrolo dos movimentos, o oposto da firmeza exigida a um relojoeiro. E porque Noé foi internado num manicómio com uma doença que há muito se sabe que é neurológica e não psiquiátrica.

O médico da época coloca em forma de pergunta a razão possível para o seu desaparecimento de casa, para o facto de ser ter sido encontrado na rua sem rumo: “Fuga epiléptica?”

A expressão já não se usa, diz o neurologista Francisco Pinto, que apenas pode interpretar o que quer dizer. Quando se pensa em epilepsia, a imagem que acorre é uma, a clássica: uma pessoa caída no chão, cara à banda, em espasmos, a espumar da boca e a revirar os olhos (chamam-se “crises tónico-clónicas generalizadas”). Mas este é apenas um tipo de crise.

As que levaram ao internamento de Noé eram diferentes. “Provavelmente seriam crises parciais complexas”, que podem levar a pessoa a “deambular” (o que o médico do tempo de Noé chamou “vagabundear”), explica o neurologista Francisco Pinto.

“Tenho um doente que durante três dias não apareceu em casa. Estava à porta da igreja dos Anjos, sem fome, lavado, tinha levantado dinheiro.” Isso soube-se pelos registos bancários, não pelo próprio que não recorda o que viveu. Terá sido o que aconteceu a Noé durante dois meses?

Noé foi um bebé saudável. A primeira vez que andou, as primeiras palavras que disse, o primeiro dente que lhe nasceu acontece-

ram nos tempos normais, contou o pai e anottou o médico. Mas depois, aos três anos, teve os primeiros “ataques”. Teria mais ou menos a idade do menino que a mãe descalça de cântaro à cabeça leva ao colo. O pai conta que o filho lhe caía de forma brusca e desamparada para a frente e que depois tinha convulsões.

“Pareceu-me que o mundo estava a cair em cima do meu filho.” “O que será dele quando eu já não estiver cá?” “Entre em pânico. Porquê eu? Porquê ao meu filho?” “Quando ele tinha convulsões, eu tinha medo que fosse na rua, em público. Ele tinha uma crise e eu pegava nele ao colo e virava-o para mim e disfarçava assim um bocado, fazia-lhe festinhas. Tinha receio que os outros percebessem. Eu não queria que as pessoas vissem e fizessem perguntas. Não era esconder, era evitar perguntas do tipo: ‘O que é que ele tem?’”

Não sabemos o que sentiu o pai de Noé. Estes são testemunhos de pais de crianças diagnosticadas com epilepsia nos dias de hoje. Falam do choque inicial. No livro *Testemunhos: o Impacto do Diagnóstico Epilepsia* a mãe que entrou em pânico aconselha: “Não entrem em pânico, pois bem medicados os nossos filhos terão as mesmas expectativas que as outras crianças.”



Depois dos “ataques” (hoje chamam-se “crises”) Noé ficava sonolento, dormia e voltava ao normal. E começaram a espaçar-se. Só que, aos 17 anos, caiu de uma bicicleta e passou a ter “ataques mensais”, chegando a ter, num só dia, oito.

Ao ouvir a história de Noé, a neuropediatra Cristina Martins Halpern, do Centro de Estudos do Bebê e da Criança do Hospital Dona Estefânia, diz que, se fosse hoje, teria sido “medicado para controlar as crises e provavelmente não teria tido as oito crises em 24 horas, que lhe podem ter deixado sequelas”. O que não sabemos é se a queda de bicicleta se deveu a uma crise ou se o acidente terá resultado em traumatismo craniano, e daí as convulsões. Muitas epilepsias têm explicação genética, algumas têm origem em lesões cerebrais resultantes de traumatismos cranianos, tumores, acidentes vasculares cerebrais.

Conto também à médica como a primeira crise de Noé foi aos três anos e é neste momento que faço a associação: foi com essa idade que o pai contou ao médico que começou a dormir com o filho. A médica não estranha nada: “Acontece muito.”

Se medicamente a vida de Noé tinha hoje muito para ter sido muito diferente, o problema da “superprotecção” mantém-se tão

“

As observações clínicas a Noé revelam melhorias: ‘Vai estando mais lúcido e acessível.’ Acabaria por ter alta cinco meses depois do primeiro internamento, 25 de Setembro de 1945

actual como, pelos vistos, seria o modo de reagir o pai de Noé.

Cada crise, por mais breve que possa ser, evoca nos pais a ideia de morte do filho, início e fins abruptos, às vezes acaba num estertor. É um “e se” constante: e se ele cai? E se ele se magoa? E se eu não estou por perto? Há pais que vivem num clima de hipervigilância e a noite e o seu sono podem ser assustadores, porque são momentos em que sentem que estão ausentes. “Com o medo de não acordarem, alguns pais passam a dormir com os filhos”, diz a médica. Cristina Silva, psicóloga da EPI-Associação Portuguesa de Familiares, Amigos e Pessoas com Epilepsia, lembra “uma mãe que dormiu com a filha até aos 20 anos – o pai e a mãe não tinham vida de casal”.

Hoje, ao contrário de no tempo de Noé, podem colocar-se grades nas camas, pôr câmaras no quarto dos filhos com intercomunicadores no quarto dos pais. A neuropediatra conhecia uma família em que o cão dormia com a criança, presentia as crises e ia chamá-los.

As observações clínicas a Noé revelam melhorias: “Vai estando mais lúcido e mais acessível.” Acabaria por ter alta cinco meses depois, 25 de Setembro de 1945. “Estado à saída: o mesmo.”

Alguns concertos

É dentro da sua carteira que percebemos que, depois de ter alta, ainda aos 21 anos, Noé se tentou reorganizar. É neste intervalo de tempo que tira o bilhete de identidade. É neste intervalo de tempo que volta a tentar trabalhar. “Declaramos pela presente que Noé Galvão fez alguns concertos em relógios de pulso e algibeira”, diz uma nota da Joalheria A. Mundial, em Lisboa, de 22 de Fevereiro de 1952. É um bilhete descritivo, soa a menos do que uma carta de recomendação, parece ter sido escrito a pedido.

Neste outro papel sem data alguém tenta interceder por ele, já não para lhe conseguir trabalho, mas para ver se lhe arranjam esmola: “Caríssimo amigo João, Eu, o camareiro do Sr Embaixador de Espanha, pedia-lhe o favor que este pobre rapaz seja um dos pobres daí de casa de sua Alteza que muito lhe agradeço, abraço do seu amigo.” Noé já não era um relojoeiro, era “um pobre”, a quem uma casa rica podia, ou não, ajudar. Não sabemos se surtiu efeito o pedido e se Noé começou a ser um dos pobres de “sua Alteza”.

Para continuar a seguir a sua vida, é preciso sair da sua carteira. E voltar a entrar no Bombarda. Passou-se cerca de uma década →

desde a primeira admissão, Noé tem 33 anos. É neste segundo internamento, a 22 de Março de 1956, que lhe armazenam os objectos.

No “Depósito n.º 476” ficam a sua caixa com ponteiros de relógio, o seu Olma sem bracelete, a carteira com fotografias e papéis, um deles era uma espécie de pronto-socorro espiritual. O panfleto “Use a bíblia em seu proveito” prescreve leituras bíblicas para as mais variadas aflições. As indicações de salmos, versos e epístolas fazem lembrar posologia: “Se estiver triste, leia S. João, capítulo 14”; “Se estiver desanimado”; “Quando estiver ansioso pelos seus entes queridos, veja o Salmo 107”; “Quando pareça que tudo vai de mal a pior, experimente II Timóteo, cap.3”; “Se estiver aflito, há uma mensagem em I. Coríntios 15, e Apocalipse 21”; “Quando se sentir humilhado ou desprezado, experimente Romanos 8: 31-39”; “Quando estiver solitário e atemorizado, leia o Salmo 23”; “Se está doente ou sofrendo, leia o Salmo 91.”

O que o traz ao hospital psiquiátrico é de novo a epilepsia. Fica “em regime aberto”, mas agora, ao contrário do primeiro internamento, em que foi apanhado pela polícia na rua, é a família quem decide trazê-lo. As estatísticas dos primeiros 100 anos (1848-1948) do Bombarda mostram que um quarto das pessoas eram “admitidas a requerimento da família”. A de Noé pede que ali fique temporariamente. Deixa a indicação: “O internamento durará apenas enquanto se mantiver o seu estado crepuscular.”

Estado crepuscular. Ligo a vários neurologistas, pensando que talvez este termo, por mais mágico que soe, ainda seja de uso corrente. Mas não.

Crepúsculo. A definição de dicionário tanto diz que é uma claridade frouxa que precede a escuridão, como uma claridade frouxa que antecede o amanhecer. Tanto é prenúncio de dia como de noite, tanto é fim como recomeço, tanto é um “antes” como um “depois”. É um “entre”. Um intervalo.

Uma das definições de “estado crepuscular” fala de “afunilamento” da consciência. Talvez ajude a imaginar a pessoa a olhar para dentro do cone de um funil, tudo em volta apagado e reduz a experiência do mundo ao que se vê do orifício, a uma experiência, a um momento. O “estado crepuscular” tem início e fim abruptos e duração variável, refere o *Manual de Psicopatologia*, de Diogo Telles Correia. Pode durar horas. Ou semanas.

Hoje chamam-se aos “estados crepusculares” de Noé “ausências”, explica Telles Correia, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Diz-se que o cérebro tem mais neurónios do que estrelas o firmamento, que comunicam entre si usando impulsos eléctricos. Quando a crise epiléptica ocorre, há uma descarga anómala de electricidade, “uma tempestade”, e as mensagens cerebrais que deviam passar podem ficar temporariamente baralhadas.

Mas cada pessoa com epilepsia tem o seu tipo de baralhação. O cérebro faz de tudo, então a epilepsia, consoante a área afectada pela “tempestade”, também faz fazer, de forma involuntária, de tudo. Ter visões, ouvir sons distorcidos, sentir cheiros horríveis, até dar gargalhadas sem sentido (chamam-se “crises gelásticas”). Ficar perdido.

Fábio Costa, 38 anos, gestor comercial, que teve a sua epilepsia diagnosticada na adolescência, usa a expressão “entrar em ausências”. Parece um sítio. “Ainda ontem me aconteceu, estava no gabinete do contabilista.” “É complicado de explicar.” Tentando: “É como um sonho. Estamos a ver as coisas a acontecer e não conseguimos reagir.” “Parece que estamos

desligados.” Como se se estivesse preso num momento. Num *pause*.

Às vezes Fábio Costa ouve o que se está a passar, só não consegue responder, outras vezes nem isso, como se estivesse a pairar acima de si, a ver-se de cima, ou fora do corpo. Ou como um Alzheimer temporário. Como a sua avó, que se desorienta e está numa fase em que já se perde a 20 metros de casa, têm de a ir buscar. “Só que eu volto.” Regressa calmo, confuso, às vezes precisa de dormir e depois recupera. No seu caso as “ausências” não costumam demorar mais do que uns segundos, às vezes minutos. “É como estar perdido no tempo.”

22 de Março de 1956: “Doente entrado por volta das 15 horas. Apresenta-se muito desorientado, pois responde desacertadamente a tudo o que lhe perguntamos e revela uma certa depressão. Indiferente ao internamento e a tudo mais que o rodeia.”

Durante o ano em que deu entrada, o estado de Noé foi acompanhado com algum pormenor. As palavras que mais se repetem no diário de enfermagem dão conta de um Noé “calmo, lúcido e comunicativo”, “bem-disposto e sossegado”, “de regular disposição”.

Mas há momentos em que as coisas mudam. “Hoje foi acometido por 3 ataques epilépticos, ficando um pouco confuso, dificuldade em falar e saber orientar-se e com atitudes agressivas...” Os estados crepusculares associavam-se por vezes a actos violentos não deliberados, descreve Diogo Telles Correia. Teria o pai de Noé internado o filho por temer que se perdesse na rua, como da primeira vez em que esteve no Bombarda, ou porque Noé ficaria por vezes agressivo?

Electrochoques

“Por ordem do enfermeiro-chefe foi para o quarto de isolamento, onde permaneceu durante o dia, bastante inquieto e muito confuso. No dia seguinte, no quarto, assinalam-lhe “o estado de mutismo”. “Permaneceu no quarto de isolamento, mais lúcido e de expressão mais risonha.” Ficar em isolamento seis dias.

Na altura, recorreu-se ao quarto de isolamento para acalmar Noé. “Não havia outra solução.” Era outro tempo, contextualiza o neurologista Francisco Pinto. “É muito raro, mas pode acontecer alguma agressividade no final de uma “ausência”, quando a pessoa ainda não recuperou a consciência.” Ninguém é hoje internado por esse motivo. O que se costuma dizer às famílias é: “Espere um pouco, não contrarie, tenha calma e deixe passar.” A pessoa pode eventualmente ser medicada. Os primeiros psicofármacos eficazes são dos anos 1950.

No ano da sua entrada no hospital anota-se também: “Fez electrochoques de manhã, passando o resto do dia dormitando e sossegado.”

O neurologista Francisco Pinto faz um esgar, arpeja-se com essa a indicação: administração de electrochoques a um doente epiléptico.

O doente era colocado numa marquês e, em cima de si, havia “uma pessoa para lhe manter os pés doentes juntos, outra carregava-lhe sobre a pélvis, com mais dois enfermeiros de cada lado a segurar-lhe o ombro com uma das mãos e, com a outra, a mão do doente, e mais outro enfermeiro a segurar-lhe a cabeça e comprimir-lhe o maxilar”, descreve o livro *Uma História da Psiquiatria - Da Era do Manicómio à Idade do Prozac*, de Edward Shorter.

“Aquele teatro todo impressionava”, admite a psiquiatra Inês Cunha, mas o objectivo não era castigar o doente, e sim minorar





Relógio parado
O relojoeiro deixou também no hospital o seu relógio de pulso, um Olma com o mostrador muito riscado. Entre as várias fotografias que guardava na carteira, há um homem mais velho que surge em duplicado e uma mulher de cântaro à cabeça com uma criança ao colo

um dos grandes riscos dos “electrochoques à antiga”: o doente partir membros ou fraturar vértebras quando levava com o choque. Mas admite que, no passado, houve “abuso dos electrochoques e até situações em que foi usado como castigo”.

O tratamento ainda existe, só que agora é dado sob anestesia geral e com relaxante muscular. Hoje é um tratamento de último recurso, eficaz em doentes que não respondem a outros tratamentos (como a medicação), casos de catatonía e de esquizofrenia resistente, explica Inês Cunha, coordenadora da Unidade de Electroconvulsivoterapia (designação moderna dos electrochoques) do Hospital Júlio de Matos, em Lisboa.

No tempo de Noé era o contrário: os electrochoques eram a primeira resposta para uma série de doenças mentais. E a epilepsia, não sendo uma doença psiquiátrica, mas sim neurológica, estava ainda metida no mesmo saco.

Era longa a tradição de internamento de epiléticos no Bombarda. No final do século havia mesmo uma “repartição” só para eles e no início do século XX (até 1911) ainda figurava nos livros do hospital a categoria “loucura epilética”. Só quase 20 anos após a morte de Noé, em 1979, é que, em Portugal, os doentes neurológicos e psiquiátricos deixaram de conviver nos mesmos hospitais, mas há vários países, como a Alemanha, em que as duas especialidades estão unidas numa só (neuropsiquiatria), explica Diogo Telles Correia.

Quando Noé esteve internado, existiam apenas dois fármacos (o fenobarbital e a fenitoína) eficazes para a epilepsia, que lhe foram dados, mas que não lhe controlavam as crises. O fármaco mais específico para as “ausências”, a carbamazepina, só se tornou de uso comum em Portugal ao longo dos anos 1960, explica Francisco Pinto, autor de vários artigos sobre a história da epilepsia. Já Noé tinha morrido.

Hoje existem mais de 20 fármacos anti-epiléticos. Cerca de 80% das pessoas têm as crises controladas e vidas normais. Um slogan da Liga Portuguesa contra a Epilepsia diz: “A nossa vida não é a epilepsia.” A de Noé foi.

A seguir à sessão de electrochoques escreve-se que Noé “passou o dia no refeitório junto dos outros doentes, sossegado e de boa disposição aparente”. “Alimenta-se bem” é a última observação do diário de enfermagem do ano em que é internado pela segunda vez (em 1956). Nada mais foi escrito até ao ano da sua morte.

A hora da nossa morte

Um “estado crepuscular” pode durar dias. Semanas. A carta que o pai, Júlio, escreve ao filho Noé não tem data: “Meu querido filho.

Estimo a tua saúde. 20\$ é o que pode ser. Assim que possa irei visitar-te, e então falaremos sobre diversos assuntos. E recebe um abraço do teu pai muito amigo.” Não sabemos se o chegou a visitar.

“De acordo com o pedido da família do doente, o internamento durará apenas enquanto se mantiver o seu estado crepuscular” Passaram-se seis anos.

O grosso da história clínica de Noé, a n.º 3474, são gráficos. Muitos são registos das suas crises epiléticas. Mas também há vários com medições de temperatura axilar (que nos dizem, por exemplo, que na manhã de 28 de Março de 1956 teve uma ligeira febrícula, pouco acima dos 37 graus) e múltiplas “pesagens” do seu corpo (68 quilos em Janeiro de 1960, 61 em Dezembro; no ano seguinte estaciona nos 62 quilos; em 1962 inicia o ano com 65 quilos e em Maio, mês do último registo, desce para os 60 quilos). É como se o hospital psiquiátrico funcionasse como uma máquina de manutenção de funções vitais: o coração bate, o sangue flui, “alimenta-se bem às refeições”, vai-se escrevendo nas notas de enfermagem. Fazem-lhe também uma radiografia aos pulmões.

O exame serviu para confirmar que não tem tuberculose, uma das grandes causas de morte num hospital sobrelotado. A enfermaria 6, onde Noé vivia, e que já ninguém me sabe indicar onde ficava, era um espaço pensado para 80 homens, mas onde respiravam 167 – mais 87 do que o previsto, mostra o “Movimento de doentes de 1959”.

“
O fim de Noé também existe em gráfico. Tem a forma de uma meia-montanha desenhada a esferográfica em papel quadriculado

O fim de Noé também existe em gráfico. Tem a forma de uma meia-montanha desenhada a esferográfica em papel quadriculado.

Depois de anos sem anotações de enfermagem, na véspera e no dia da sua morte houve especial minúcia no registo. Percebia-se já que era uma contagem decrescente e que era importante apontar todas aquelas horas.

5 de Junho de 1962: “Hoje o seu estado piorou de momento para momento”, refere a nota de enfermagem. É-lhe administrada medicação às 3h, 4h, 10h, 11h, 16h e 19h00.

Um gráfico em papel milimétrico mostra a febre de Noé a galgar as quadrículas: 38,5 graus na manhã de 4 de Junho, 39 graus à tarde; 39,5 graus na manhã de dia 5, quase a tocar nos 40 graus à tarde, até atingir um cume e quase tocar na linha dos 41 graus às 20h00. Morreu 20 minutos depois da última medição “de temperatura axilar”.

Os cemitérios são como cidades, têm ruas, zonas mais e menos nobres. No cemitério do Alto de São João, em Lisboa, procuro o sítio onde, há 57 anos, o relojoeiro Noé foi enterrado.

Inscribi-me numa visita orientada pela história e arquitectura do local. Pelo caminho, decifram-me os “símbolos escondidos” da morte gravados na pedra de campas e jazigos e, a forma como, ao longo dos tempos, foi sendo representada a saudade, a ausência, a dor: há muitas alcachofras esculpidas, por ser uma flor que fica igual morta ou viva, assim como tochas com a chama virada ao contrário, a representar a morte como inversão ao sentido normal da vida, há também muitas ampulhetas, com asas de anjo ou de pombo, querendo representar a vida curta, vida que passa a voar.

Noé tinha 38 anos, morreu de broncopneumonia. Sabe-se que já não está no pedaço do cemitério onde ficou temporariamente a sua sepultura, a n.º 283. O “talhão dos indigentes”, que hoje já não existe, era para onde iam “as pessoas sem qualquer tipo de laços”, explica-me a funcionária do cemitério.

Como o seu corpo “não foi reclamado por ninguém” foi de seguida enterrado “numa vala comum”, uma prática da altura que foi proibida em 1984, por se achar que era indigna. No Alto de São João havia várias valas comuns, nas zonas mais periféricas, mas ninguém sabe muito bem indicar a sua localização. Não se sabe onde está Noé.

Os papéis oficiais onde ficam registadas os nossos nascimentos e as nossas mortes têm um espaço para a hora, outro para os minutos, talvez porque é suposto não se nascer nem se morrer “pelas”, “mais coisa menos coisa”. E é a exactidão dos minutos que dá importância ao nosso início. E ao nosso fim.

Quando morreu, no Hospital Miguel Bombarda, alguém na enfermaria 6 atentou nos ponteiros de um relógio. Noé não morreu a hora incerta: passavam 20 minutos das 20 horas. Mas no seu assento de óbito alguém rasurou o campo dos minutos, como se não importassem. O rigor horário com que o hospital lhe registou a morte perdeu-se. No documento oficial onde ficou escrito o seu fim Noé morreu “pelas” 20 horas, mais coisa menos coisa.

Esta série de reportagens foi realizada com o apoio de uma Bolsa de Investigação Jornalística da Fundação Calouste Gulbenkian

No próximo domingo: A última viagem do capitão de longo curso



O que eles deixaram
no manicómio (II)

Os ponteiros do
relojoeiro sem nome

P4 a II

Público



Especial
Jorge
de Sena
A poesia
da nudez
total

Cultura, 24/25

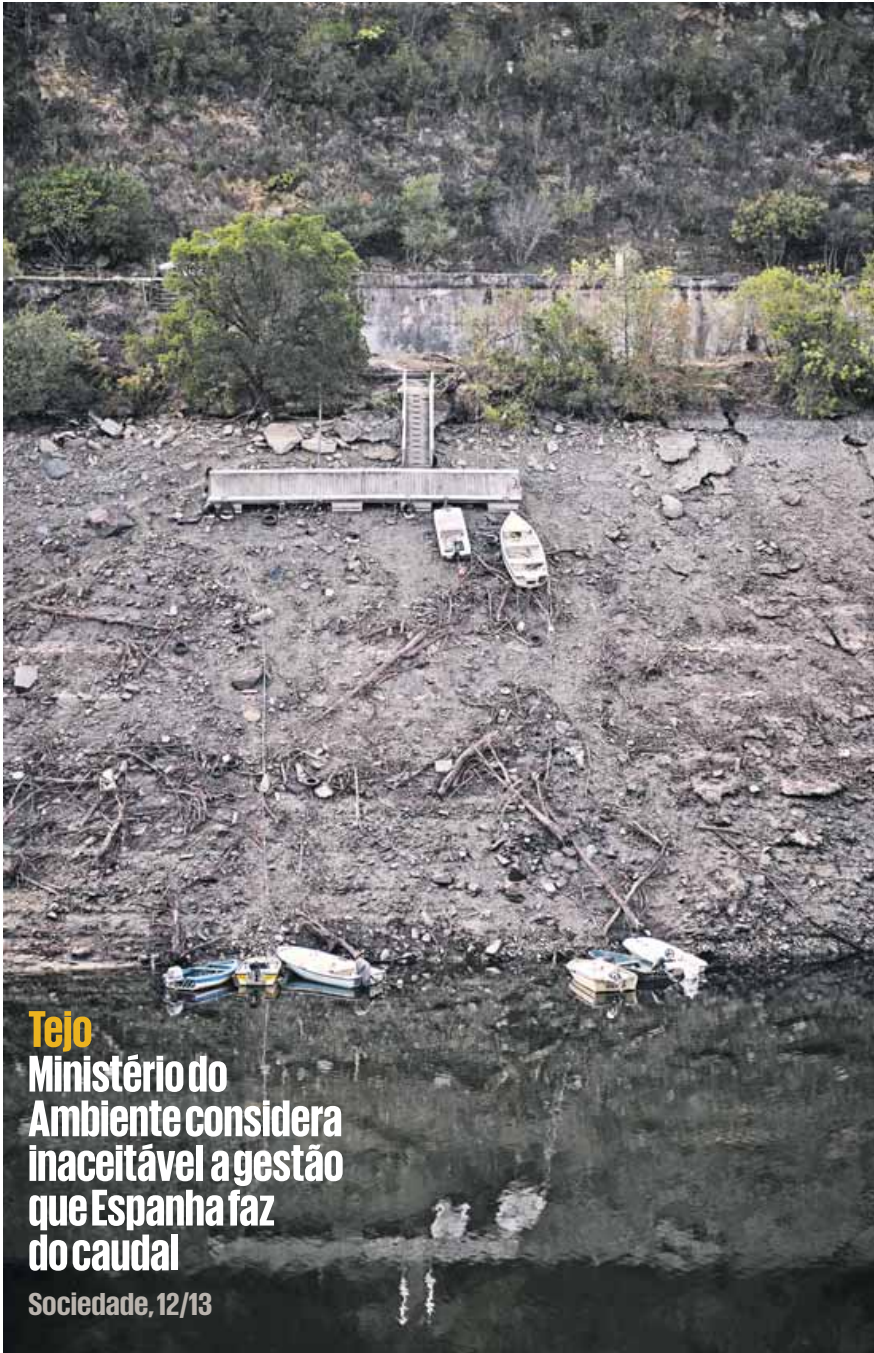


Iraque
Fantasma da Primavera
Árabe saiu às ruas para
exigir uma revolução

Mundo, 18 e Editorial

Fake news
A desinformação vem mais
de cidadãos comuns
do que de grupos maléficos

Política, 10/11



RUI GAUDÊNCIO

Tejo
Ministério do
Ambiente considera
inaceitável a gestão
que Espanha faz
do caudal

Sociedade, 12/13

Governo tira às câmaras fiscalização dos elevadores

Em causa estão os preços elevados que as autarquias cobravam aos condomínios. Municípes vão passar a poder contratar livremente no mercado **Economia, 16/17**

“Brexit”
A separação
vista por quatro
eurodeputados
britânicos



P2

**O que eles deixaram
no manicómio
O crepúsculo
do relojoeiro Noé**

**Há 50 mil
chumbos mas o
plano é reduzir
ao mínimo**

Ministério da Educação quer melhorar eficácia do combate ao insucesso escolar no básico **p2 e 4**

**Imigrantes em
Odemira vão
ter melhores
condições**

Trabalhadores das estufas vão ter Internet e ar condicionado, mas em habitações precárias **p14/15**